

CANUDOS PARA HOJE (NÍVEIS DE LEITURA IMPLÍCITOS EM *OS SERTÕES*)

PATRICIA HORTA*

RESUMO: Este estudo procura analisar, em *Os Sertões* de Euclides da Cunha, algumas características do narrador, bem como suas implicações. São identificados quatro tipos de narradores, dentre os quais o narrador-tradutor. Este faz que uma espécie de tradução faça parte da experiência de leitura da obra, criando no texto um “tradutor implícito”, como uma faceta do seu leitor implícito. Derivam desses narradores pelo menos cinco níveis de leitura, que correspondem aos diversos aspectos de *Os Sertões*.

PALAVRAS-CHAVE: Foco narrativo; Leitor implícito; Tradução; Estética da recepção.

As grandes obras literárias possuem certa força que as torna imortais. É o que faz que sejam permanentemente lembradas, estudadas em diversos níveis, citadas, postas como referência. Corresponde à história de cada obra: em menor grau, às histórias de sua elaboração e de seu autor, que podem incitar a curiosidade do público, levando-o ao ato de leitura; em maior grau, à história de sua crítica, que oferece uma corrente de interpretações – que freqüentemen-

(*) Mestranda em Literatura Brasileira na USP.

te se divide e subdivide – à qual sempre falta o elo seguinte. Na falta ininterrupta desse elo, mais e mais interpretações são elaboradas, mesmo que seja um pouco extensa a distância cronológica que separa uma da outra.

Na base dessa força propulsora, encontra-se o elemento que lhe dá origem e que justifica a imortalidade daquelas obras: uma lacuna interpretativa. Essa lacuna¹ (ou talvez fosse melhor dizer as diversas lacunas estrategicamente dispostas pelo autor) permite tantos preenchimentos quanto o número de leitores de uma obra e, portanto, tantas interpretações. Porém, seguindo as pistas espalhadas pelo texto, tais interpretações devem ser semelhantes no que se refere ao alcance do objetivo literário da obra. O preenchimento faz o leitor atingir um estado de fruição que implica autoconhecimento e uma nova compreensão da sociedade.² Nas grandes obras literárias, o preenchimento dessa lacuna leva o leitor a uma reinterpretação de si mesmo e de sua sociedade dentro de sua época, não importando qual seja ela. Em outras palavras, a proposta das grandes obras literárias nunca perde a atualidade.

Dentro dessa perspectiva, procederemos a uma breve análise d'*Os Sertões*, de Euclides da Cunha, identificando alguns dos elementos literários que tornam "a bíblia da brasilidade" sempre atual. Destarte, submeteremos a apreciação algumas estratégias literárias usadas pelo autor, de modo a determinar o leitor implícito³ na obra e, contiguamente, a identificar um elemento que lhe é peculiar: o tradutor implícito⁴.

UMA SÓ LEITURA

Em primeira instância, um leitor d'*Os Sertões* encontra facilmente na obra a tão mencionada dicotomia científico-literário. Porém, em análise mais detida, será capaz de perceber que cada uma dessas premissas desdobra-se em muitas outras. Desse modo, o científico abre-se em âmbitos tão diversos como botânica, desenho topográfico, geologia, mineralogia, astronomia, tática e estratégia, sociologia, história, entre muitos outros, além das tendências científico-filosóficas da época (determinismo, positivismo, evolucionismo). A mesma multiplicidade é verificada no oposto literário, que inclui traços épicos, trágicos, romanescos, irônicos...

A simples justaposição de tantos matizes num só universo já seria suficiente para impressionar o leitor, sobretudo o de hoje, que experiencia a quase total separação das áreas do conhecimento. Mas Euclides da Cunha vai ainda além e não só reúne todas essas correntes, como as entrelaça num só texto, tornando-as interdependentes. Seria empresa vã tentar privilegiar uma única área do conhecimento na leitura d'*Os Sertões*. Elas estão de tal modo ligadas que, no foco de uma, as outras transparecem. Para ilustrar estas afirmações, tomemos um trecho antológico do livro:

[Os xiquexiques] têm como sócios inseparáveis neste habitat, que as próprias orquideas evitam, os cabeças-de-frade, deselegantes e monstruosos melocactos de forma elipsoidal, acanalada, de gomos espinescentes, convergindo-lhes no vértice superior formado por uma flor única, intensamente rubra. Aparecem, de modo inexplicável, so-

(1) O conceito de lacuna é emprestado de Wolfgang Iser. Cf. Regina ZILBERMANN, *Estética da Recepção e História da Literatura*. São Paulo: Ática, 1989, p. 15.

(2) Wolfgang ISER, *The implied reader*, Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1992, p. XII.

(3) Conceito de Wolfgang Iser, cf. W. ISER. *op. cit.*, p. XI-XIV.

(4) O conceito de tradutor implícito foi desenvolvido por Berthold Zilly, em analogia à teoria do "leitor implícito", de Wolfgang Iser, durante curso de pós-graduação na USP.

bre a pedra nua, dando, realmente, no tamanho, na conformação, no modo por que se espalham, a imagem singular de cabeças decepadas e sanguinolentas jogadas por ali, a esmo, numa desordem trágica.⁴

⁽⁴⁾ Euclides da CUNHA, *Os Sertões*, São Paulo: Círculo do Livro, 1988, p. 42.

A apresentação dos cabeças-de-frade efetiva-se concomitantemente pelos pontos de vista da botânica, da meteorologia e da geologia. Além disso, as plantas aludem metaforicamente à história, uma vez que representam a degola praticada pelo Exército, e funcionam como um recurso estilístico propriamente dito, pois antecipam a narrativa dessa degola, na “Luta”.⁵ Todos esses elementos fazem parte de uma só descrição enredada, não podem ser dissociados, sob pena de perder-se em informações e em beleza artística.

⁽⁵⁾ A interpretação dos cabeças-de-frade como metáforas das cabeças degoladas dos sertanejos é intensamente divulgada entre os críticos d’*Os Sertões*. Como referência, consulte-se: Walnice N. GALVÃO. “Euclides da Cunha”, in A. PIZARRO (Org.) *América Latina: Palavra, Literatura e Cultura*, São Paulo, Campinas: Memorial da América Latina, Ed. da Unicamp, 1995, v.2.

Portanto, não encontramos n’*Os Sertões* diversas leituras, correspondentes a cada ciência, a cada subdivisão científica ou a cada aspecto literário do livro. Há uma só leitura multifacetada, o que obriga o leitor a aceitar a obra em toda a sua complexidade. O esforço de atenção, conhecimento e pesquisa requerido dele é o mesmo que foi requerido do autor-narrador, ao empreender uma descrição de sua experiência. Para compreender o sertão desconhecido e seu simbolismo literário, o leitor precisa atravessar o mesmo caminho pedregoso pelo qual passou o narrador. Essa transposição de experiência cria entre esses dois componentes literários um elo de identificação e de submissão. O leitor sente-se igual ao narrador, uma vez que experimenta a mesma vivência que ele. E, ao mesmo tempo, o leitor é guiado pelo narrador, sem o qual não pode encontrar o caminho dessa experiência.

NÍVEIS DE IDENTIFICAÇÃO E ESTRANHAMENTO

Para transpor esse caminho, o leitor ideal d’*Os Sertões* deve ser essencialmente culto. Deve conhecer os matizes científicos, filosóficos e literários que se amalgamam na obra, ou estar disposto a aprender sobre eles. Deve ser, por fim, um “homem do litoral” (em oposição ao “homem do sertão”), ciente das normas morais que regem a cultura ocidental.

Entrando no texto com seu cabedal de conhecimentos e normas sociais, o leitor tende a identificar-se com o exército, representante do “homem do litoral”, modelo de heroísmo e racionalidade. Todavia, esses conceitos são desmistificados no decorrer da narrativa. Não sem incômoda surpresa, o leitor vê as normas que segue e aceita quebradas por seu próprio semelhante na obra, que passa a caçar animais perdidos na caatinga, em nome da sobrevivência; a aplaudir freneticamente o massacre do opositor; a praticar o ato bárbaro e covarde da degola. O soldado, que deveria ter “uma missão ao mesmo tempo civilizatória, humanitária e moral”,⁶ age de forma precisamente oposta, tornando a campanha um “refluxo ao passado”,⁷ ao tempo da barbárie e da selva-géria. O leitor, então, sente-se perturbado. Esse é um primeiro nível de estranhamento, do qual emergem dois questionamentos: a real missão dos exércitos do mundo e a efetividade das normas sociais.

⁽⁶⁾ W. N. GALVÃO, *op. cit.* p. 621.

⁽⁷⁾ E. da CUNHA, *op. cit.* p. 8.

Um segundo nível de estranhamento revela-se no extremo oposto. O “homem do sertão” – representante do inverso dos “civilizados” e, portanto, inimi-

go a ser combatido – transforma-se em “um titã acobreado e potente”,⁸ um vaqueiro de “fidelidade sem par”.⁹

Entretanto, a elevação do caráter do sertanejo faz o leitor aproximar-se dele, induzido pelo narrador a uma atitude de simpatia. Desse modo, a conduta exterminadora do Exército parece-lhe ainda mais cruel. Efetivada por meio de características reconhecidas pelo leitor como superiores, essa aproximação pode manifestar-se, por fim, em identificação: surpreendentemente, o leitor “do litoral” identifica-se com os bárbaros. Por conseguinte, temos que, sendo o sertanejo capaz de atos dignos, o leitor, no outro extremo, pode manifestar traços de barbarismo, da mesma maneira que o exército que o representa.

Porém, ainda que trocando ou invertendo suas características, no que Berthold Zilly chamou de “um tipo de *clash of cultures*”,¹⁰ o Exército e os sertanejos mantêm suas respectivas funções de combatente e combatidos. O Exército enlouquece, pratica atos de verdadeira incivilidade, mas não deixa de cumprir seu dever. O sertanejo, por seu turno, embora apresente traços de beleza, coragem, humildade e lealdade, continua desequilibrado, desengonçado e malicioso. Desse modo, tanto um como outro tornam-se, entre si e em si mesmos, manifestadamente antitéticos. Segundo Wolfgang Iser, esse recurso literário baseado em contrastes estimula a participação do leitor: “*And so* [na estrutura de contrastes] *the reader is not merely told a story; instead he has constantly to observe and deduce*”¹¹ [“E, portanto, na estrutura de contrastes, não se conta meramente uma história ao leitor; ao contrário, este tem que constantemente observar e deduzir”]. Pela constante observação, ativada por essas antíteses (ou contrastes), o leitor d’*Os Sertões* deduz que o crime denunciado no livro¹² não é a realização da campanha em si, mas o modo como ela ocorreu. Sempre identificado com o Exército, o leitor compartilha da culpa que lhe é imposta, por estar sujeito a praticar os mesmos procedimentos criminosos ou simplesmente por apoiá-los.

Por conseguinte, os jogos de antíteses e de estranhamento e identificação – entre outras estratégias literárias – levam o leitor a um “auto-reconhecimento” e à conseqüente discussão de seu universo e suas normas.

Mas o simples questionamento não é suficiente. A obra literária deve ter como principal finalidade incitar o leitor a uma atitude.¹³ Resta saber qual é a reação induzida por *Os Sertões* e como ela é alcançada.

REPORTAGEM LITERÁRIA

Um dos elementos que permitem o efeito de conscientização descrito acima é a união, em um só texto, de um discurso referencial e um discurso literário. O primeiro manifesta-se no que o livro apresenta de imparcial, isto é, no relato histórico e científico. Já o segundo revela-se nas figuras de linguagem (antíteses, personificações, metáforas e outras), nos aspectos épicos e trágicos¹⁴ e em tudo o mais que causa estranhamento e surpresa. O discurso referencial corresponde à expectativa do leitor, que entende que, numa reportagem de cunho histórico, sobretudo se fundamentada na ciência, o autor deve manter um distanciamento garantidor da veracidade. Se Euclides, no entanto, satisfizesse essa expectativa, estaria sustentando a conduta que, ao contrário, quer

⁽⁸⁾ *Idem, ibidem*, p. 96.

⁽⁹⁾ *Idem, ibidem*, p.101.

⁽¹⁰⁾ Berthold ZILLY, “Um Depoimento Brasileiro para a História Universal: Traduzibilidade e Atualidade de Euclides da Cunha”, *Revista Humboldt*, n. 72, 1996.

⁽¹¹⁾ W. ISER, *op. cit.*, p. 51.

⁽¹²⁾ O caráter de denúncia da obra já está indicado em sua “nota preliminar”: “E [a campanha] foi, na significação integral da palavra, um crime. Denunciemo-lo” (E. da CUNHA, *op. cit.* p. 8).

⁽¹³⁾ Cf. W. ISER, *op. cit.*, p. XIV.

⁽¹⁴⁾ Cf. W. N. GALVÃO, *op. cit.*, p. 626-33.

⁽¹⁵⁾ W. ISER, *op. cit.*, p. 262.

trazer à dúvida. Portanto, vale-se de um discurso literário que, de acordo com W. Iser,¹⁵ permite ao leitor ultrapassar as suas expectativas (“hábitos”) de leitura. Em consequência, ele é levado a uma experiência que modifica suas pré-concepções da própria leitura e da realidade. Assim como o tratamento literário dado à descrição do Exército e do sertanejo conduz a questionamentos essenciais para a compreensão da obra, o discurso literário confere um objetivo transcendente a *Os Sertões*. Esse objetivo só pode ser plenamente atingido pelo leitor por meio do efeito dinamizador da arte, e não pela leitura de um simples relato imparcial da realidade.

De outro modo, Euclides poderia ter tomado o fato histórico apenas como mote para uma narrativa ficcional, como fazem Ana Miranda, José Saramago, Gabriel García Márquez, dentre outros autores contemporâneos. Neste caso, porém, sua obra causaria um outro impacto, uma vez que, conforme W. Iser, “*fiction is able to give us (...) comforting answers to our human problems because it is unreal. Our compensation for what cannot be perceived is the knowledge pretended by fiction, which is ‘consciously false’*”¹⁶ [“a ficção é capaz de dar respostas confortantes a nossos problemas humanos porque ela é irreal. Nossa compensação pelo que não pode ser percebido é o conhecimento simulado pela ficção, que é ‘conscientemente falsa’”]. N’*Os Sertões*, o leitor não tem esse consolo, pois sabe que o discurso literário na obra foi aplicado a *atos reais*. Ao contrário da narrativa ficcional, o grande livro de Euclides é “conscientemente verdadeiro”. O estado de desconforto causado pela obra acusadora prolonga-se, assim, até depois de sua leitura: quando acaba *Os Sertões*, o leitor sente que adquiriu um compromisso com a realidade. E esse prolongamento da experiência implícito na obra é ainda válido para o leitor atual, posto que o crime de Canudos continua a ser praticado, com o que concorda Berthold Zilly:

⁽¹⁶⁾ *Idem, ibidem*, p. 264.

A boa acolhida, junto à crítica, das últimas traduções do livro (...) deve-se parcialmente à atualidade de muitos de seus temas e pontos de vista num mundo caracterizado, de alguns anos para cá, por um recrudescimento espantoso da barbárie, praticada freqüentemente em nome de altos valores civilizatórios, da modernidade, do progresso, da democracia, do direito internacional, do socialismo, da nação, da autodeterminação, da liberdade, da justiça, da identidade cultural. Basta citar alguns nomes: Chiapas, Guatemala, Afeganistão, Golfo Pérsico, Ruanda, Bósnia, Tchetchênia e (...) Daguestão. Canudos, pelos mais diversos motivos, assombrosamente se repete.¹⁷

⁽¹⁷⁾ B. ZILLY, *op. cit.*, p. 10.

A união desses dois tipos de discurso resulta, afinal, em uma “reportagem literária”, que oferece uma experiência de leitura singular. O discurso literário empresta suas qualidades específicas ao referencial. Este, por sua vez, intensifica o efeito dessas qualidades, que é o “auto-reconhecimento” e a crítica à sociedade estabelecida. É pela aceitação dessa mistura peculiar que a obra induz o leitor a uma reação, a uma atitude, qual seja, rechaçar as manifestações falsamente civilizadoras, que, em nome da modernidade e do progresso, praticam as mais diversas selvagerias.

OS TRÊS NARRADORES

Todas as estratégias até aqui analisadas devem muito ao tratamento dado ao narrador. Como demonstramos anteriormente, ele é a porta de entrada do

leitor na obra: por meio do elo de identificação e submissão que cria com quem deseja entender o sertão e a campanha de Canudos, ele é capaz de induzir à aceitação do texto como é, com suas antíteses e misturas. Porém, o narrador d'*Os Sertões* não é unívoco. Ele se desdobra em pelo menos três tipos básicos, o que o caracteriza como "plural".¹⁸ Cada um desses três tipos corresponde a um nível de consciência do leitor em relação à obra. O primeiro é o narrador-testemunha. Seguindo a classificação de Norman Friedman, Ligia Chiappini Moraes Leite assim o define:

Ele narra em 1ª pessoa, mas é um "eu" já interno à narrativa, que vive os acontecimentos aí descritos como personagem secundária que pode observar, desde dentro, os acontecimentos, e, portanto, dá-los ao leitor de modo mais direto, mais verossímil. *Testemunha*, não é à toa esse nome: apela-se para o testemunho de alguém, quando se está em busca da verdade ou querendo fazer algo parecer como tal.¹⁹

Portanto, este é o narrador que, comprometido com o discurso referencial, personifica o repórter e o cientista. Uma leitura que só privilegiasse esse ponto de vista seria ingênua, senão impossível. É que, neste caso, o leitor só levaria em consideração os caracteres imparciais do texto, que não norteciam qualquer questionamento. Todavia, é este narrador, testemunha da verdade, que garante o efeito de prolongamento da experiência, descrito anteriormente. É ele que traz para a obra os elementos que a impedem de tornar-se uma ficção, o que acomodaria o leitor.

O segundo tipo é o que denominaremos narrador-preceptor. Guiando os passos do leitor nos caminhos do sertão e da guerra, sua principal função é ensinar-nos a compartilhar de suas opiniões. Leva-nos, desse modo, a termos relativa simpatia pelo sertanejo, a criticarmos as estratégias usadas pelo Exército, a indignarmo-nos com a barbárie instalada entre os representantes do progresso. É de extrema importância para estabelecer o elo de submissão do leitor, obrigando-o a aceitar todas as facetas da obra. Como em cada uma dessas facetas mora uma crítica ou um questionamento, o narrador-preceptor é fundamental para que o leitor se conscientize do objetivo da obra: levá-lo a discutir a conduta do Exército e a auto-analisar-se.

No entanto, não é seu papel induzir o leitor a uma reação. Este cabe ao terceiro tipo: o narrador-tribuno. Walnice Nogueira Galvão assim o identificou:

A postura do narrador (...) é peculiar. Intrmete-se naquilo que está narrando, em tom conspícuo, e com alguma frequência apostrofa os autores e seus assuntos, sempre no plural majestático. O narrador reveste a persona de um tribuno, discursando para persuadir.²⁰

Dado que os três tipos compõem um só narrador multiforme, o narrador-tribuno é a voz que, de dentro das explicações e demonstrações do narrador-preceptor, opina, avalia, denuncia e acusa. Ele é quem impõe a culpa do crime não só ao Exército, mas ao "homem do litoral", não poupando nem a si mesmo nem ao leitor. Este, por sua vez, sente-se traído: entregara-se a um narrador que lhe prometera encontrar os culpados de um crime e, assombrado, vê esse mesmo narrador, porém em outras vestes, erguer-se e apontá-lo. É desse desconfortável sentimento de cumplicidade com os assassinos que o leitor é elevado a um

⁽¹⁸⁾ W. N. GALVÃO (*op. cit.*, p. 626) considera-o um "narrador na primeira pessoa de um plural majestático".

⁽¹⁹⁾ Ligia Chiappini M. LEITE, *O Foco Narrativo*, São Paulo: Ática, 1993, p. 37.

⁽²⁰⁾ W. N. GALVÃO, *op. cit.*, p. 627.

novo estado de consciência, do qual pode criticar sua sociedade e criar o desejo de modificá-la.

O TRADUTOR IMPLÍCITO

Permeando esses três tipos básicos, encontramos um quarto, ao qual chamaremos narrador-tradutor. Este se manifesta no esforço do autor para encontrar uma linguagem capaz de exprimir o inefável: o sertão desconhecido e o crime ali praticado. B. Zilly identificou-o da seguinte maneira:

*Er [o autor] versucht also, Unbekanntes mit Hilfe von Bekanntem zu erklären, wozu er zahllose Vergleiche, Anspielungen, Metaphern und andere uneigentliche Redeweisen aufbietet, das ganze Arsenal der klassischen Rhetorik. (...) So erklärt Euclides den Sertão zum Teil auf dem Umweg über Europa, er "übersetzt" den unbekanntesten Teil Brasiliens in abendländische Begriffe und Vorstellungen, denen seine Vergleichsmaßstäbe und Deutungsmuster entstammen*²¹ [Ele [o autor] tenta, portanto, explicar o desconhecido com o auxílio do conhecido, para o que mobiliza inúmeras comparações, alusões, metáforas e outras expressões figuradas, todo o arsenal da retórica clássica. (...) Assim, Euclides explica o sertão parcialmente por um desvio pela Europa, ele "traduz" a parte desconhecida do Brasil em conceitos e representações ocidentais dos quais se originam seus parâmetros de comparação e padrões de interpretação].

(21) B. ZILLY. "Nachwort (posfácio)", in Euclides da CUNHA. *Krieg im Sertão (Os sertões)*, Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1994, p. 774.

Tentar explicar o desconhecido (sertão) com o auxílio do conhecido (conceitos e representações ocidentais) nada mais é que a principal característica da tradução, de acordo com Roman Jakobson: encontrar "a equivalência na diferença".²² Pensando nisso é que Euclides reinterpreta e recria o sertão, procurando seu significado mais profundo. Sua "tradução" cumpre, desse modo, o dever descrito por Walter Benjamin: "a tradução, ao invés de se fazer semelhante ao sentido do original, deve, muito mais e cuidadosamente, chegar até o detalhe, trazendo para a forma de sua própria língua o modo-de-significar (*Art des Meinens*) do original".²³ É pela descrição em todos os aspectos (científico, filosófico e artístico) minuciosa daquela realidade que o autor chega ao modo-de-significar dela: o sertão é um lugar do passado, um espaço em formação, o local, portanto, em que se encerram as origens do próprio "homem do litoral".²⁴ Esta é a equivalência mais penetrante encontrada por Euclides, capaz de aproximar as duas realidades em choque e fazer o leitor dar-se conta da gravidade do crime cometido. Não que, para o autor, os canudenses devessem continuar existindo. Conforme a teoria evolucionista, seguida por ele, cedo ou tarde, eles viriam a ser extintos. Contudo, o Exército, já em outro nível evolutivo, não poderia retroceder às origens, à barbárie, principalmente em nome de sua missão modernizadora. É esse o sentido imo do crime denunciado n' *Os Sertões*.

Porém, é somente pelo esforço da leitura que podemos nos tornar aptos a compreender esse modo-de-significar. A primeira função do narrador-tradutor é, portanto, fazer o leitor compartilhar de sua própria experiência de "tradução", levando-o a entender o significado mais profundo do sertão e, assim, o tipo de crime de que todos são acusados.

Examinando mais detidamente essa função do último tipo de narrador, deduzimos: se, como todo texto, *Os Sertões* possuem um leitor implícito e se

(22) Roman JAKOBSON, "Aspectos Lingüísticos da Tradução", in *Lingüística e Comunicação*, São Paulo: Cultrix, 1969, p. 65.

(23) Walter BENJAMIN, *A Tarefa do Tradutor*, trad. de João Cezar de Castro Rocha et al., Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, s. d., p. 25-6.

(24) Essa concepção é indicada por Euclides em diversas passagens da obra. Uma das mais famosas é: "Ademais entalhava-se o cerne de uma nacionalidade. / Atacava-se a fundo a rocha viva da nossa raça" (E. da CUNHA, *op. cit.*, p. 462).

uma espécie de “tradução” faz parte da experiência de leitura da obra, existe nela um *tradutor implícito*. O tradutor pode ser entendido como um leitor altamente especializado, que deve compreender os fins últimos e o significado mais profundo de uma obra, para que possa transcriá-la em outra língua.²⁵ Portanto, n' *Os Sertões*, o caminho para uma tradução já está, de certo modo, indicado dentro do texto e, para aflição extrema dos tradutores, ele não é tão fácil. E como o papel de um tradutor é assegurar a pervivência (*Fortleben*)²⁶ de uma obra, n' *Os Sertões*, essa pervivência faz parte de sua própria estrutura. É como se a obra já tivesse nascido para ser traduzida, para tornar-se imortal.

⁽²⁵⁾ Cf. W. BENJAMIN, *op. cit.*, p. 163-4.

⁽²⁶⁾ *Idem, ibidem*, p. 158.

CINCO LEITURAS

Ponderando todas as observações feitas até aqui, concluímos que podem ser evidenciados ao menos cinco níveis de leitura implícitos n' *Os Sertões*, que estão relacionados a seguir, do menos para o mais elaborado. Sua realização, porém, não ocorre necessariamente nessa ordem, nem essa ordem corresponde à seqüência de leitura da obra. Um leitor pode, assim, realizar um só desses níveis ou todos eles ou, ainda, apenas alguns. Isso depende de sua experiência anterior de leitura (se é mais ou menos ingênuo) e de seu interesse na obra (uma pesquisa científica, lazer, uma análise literária etc.).

O primeiro nível pode ser chamado de “leitura científica”. Nele, o leitor só leva em consideração os elementos referenciais da obra (históricos e científicos). Essa leitura não pode ser plenamente realizada, uma vez que o discurso literário está tão arraigado a esses elementos, e vice-versa, que a ciência muitas vezes fica encoberta pela arte. No entanto, nada impede que *Os Sertões* sejam usados como livro científico, o que de fato tem ocorrido até os dias de hoje. Pioneira no estudo, ainda não esgotado, do sertão nordestino, a obra é reconhecida por muitos historiadores, sociólogos, geólogos, botânicos como referência.

O segundo nível é o da “leitura crítica”. O leitor, mantendo-se distanciado em relação à narrativa, pode tornar-se capaz de criticar a conduta do Exército e a sociedade que ele representa. Nesse estágio, porém, não é capaz de atualizar essa crítica, fazendo-a permanecer restrita ao passado. É a experiência de leitura oferecida sobretudo pelo narrador-preceptor.

Já num terceiro nível, o leitor percebe que, embora as ocorrências narradas pertençam a uma época diversa da sua, ele mesmo faz parte da sociedade que massacra o sertanejo, uma vez que os padrões culturais continuam os mesmos. É a experiência do “auto-reconhecimento”. Desse modo, o leitor é capaz de atualizar sua crítica, procurando e encontrando, em seu próprio tempo, manifestações semelhantes à campanha de Canudos. Não pode isentar-se da culpa herdada do passado, mas, para não cometer os mesmos erros hoje, cria o desejo de modificar-se e de transformar a sociedade que o cerca.

O quarto nível surge da união dos três anteriores. Em outras palavras, decorre do consórcio entre uma experiência de leitura científica e outra literária, que, como vimos, resulta em um sentimento de compromisso com a realidade e um conseqüente “prolongamento da experiência de leitura”. Correspon-

de, portanto, àquele efeito que garante que os desejos de automodificação e de transformação da sociedade perdurem mesmo depois de terminada a leitura.

O quinto e último nível de leitura implícito n' *Os Sertões* é a "tradução". Esta só pode ser realizada com sucesso por um leitor especial, capaz de unir os quatro outros níveis, chegando o mais próximo possível da realização plena da obra. Este leitor identifica-se profundamente com o narrador-tradutor e materializa o tradutor implícito. É capaz, portanto, de compreender o modo-designificar do sertão e como deve transcriá-lo para a sua língua. Por conseguinte, sua experiência de leitura é benéfica para a obra, pois assegura sua pervivência. Para ele mesmo, este é o modo como pode cumprir o dever com a realidade, assumido no quarto nível de leitura: procura modificar a sociedade, levando a outro povo a possibilidade de também reconhecer os crimes que comete e tentar alterar suas eventuais atitudes nocivas. A tradução é, portanto, o modo como este leitor dá materialidade ao prolongamento de sua experiência de leitura d' *Os Sertões*.

Parceiro do autor, o tradutor dissemina o efeito "curativo" da obra, expresso em sua última frase: "É que ainda não existe um Maudsley para as loucuras e os crimes das nacionalidades...". Pois o Maudsley que faltava para fazer-nos entender nossos crimes e tentar modificar nossas atitudes, ainda selváticas, é exatamente *Os Sertões*. Afinal, o exemplo de Canudos é válido também para hoje.

ABSTRACT: This study analyzes, in *Os Sertões* by Euclides da Cunha, some characteristics of the narrator, as well as their consequences. Four types of narrator are identified, including the narrator as translator. This one makes a kind of translation be part of our experience of reading, bringing a new facet of the implied reader into the text: the "implied translator". At least five ways of reading, which correspond to different aspects of *Os Sertões* derive from these narrators.

KEYWORDS: Point of view; Implied reader; Translation; Aesthetics of reception.